

Sociedade e juventude: um estudo bibliográfico sobre os impactos da pandemia de COVID-19 na educação e no trabalho

Autora:**Valdirene Hessler Bredow**

Doutora em Educação - UFPEL, professora formadora da Universidade Aberta do Brasil - polo da Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul

DOI: 10.58203/Licuri.21953

Como citar este capítulo:

BREDOW, Valdirene Hessler. Sociedade e juventude: um estudo bibliográfico sobre os impactos da pandemia de COVID-19 na educação e no trabalho. In: Soares, Maria de Lourdes (Org.). **A sociedade em contexto: História, transformações e desafios**. Campina Grande: Licuri, 2023, p. 23-45.

ISBN: 978-65-85562-19-5

Resumo

O novo Coronavírus, cientificamente conhecido como SARS-CoV-2, trouxe uma das maiores pandemias da história mundial, e, pela inexistência de uma vacina que impedisse o contágio e as grandes complicações na saúde humana, medidas de isolamento social foram adotadas, ocasionando o fechamento de serviços considerados como não essenciais. Neste contexto, um dos grupos mais atingidas pelo isolamento e ações remotas foram os jovens, que tiveram a educação, vida social e trabalho influenciados. Por estas perspectivas, o presente artigo tem por objetivo apresentar os problemas ligados à educação, sociabilidade e trabalho que impactaram a juventude brasileira. Metodologicamente, o artigo está estruturado pelo método bibliográfico de pesquisa e foi elaborado com base em referencial teórico científico. Destaca-se no trabalho que, particularmente, os jovens têm sofrido as consequências da pandemia nas relações sociais, familiares e afetivas, bem como no ambiente educacional e em questões ligadas ao trabalho e emprego. Percebeu-se assim, que os impactos da pandemia de Covid-19 estão presentes nos diversos âmbitos em que esses sujeitos se encontram, seja nas relações interpessoais que estabelecem (família, amigos ou relacionamentos afetivos), na escolaridade, sociabilidade, saúde e trabalho e renda.

Palavras-chave: Escola. Emprego. Coronavírus. Jovens. Sociabilidade.

INTRODUÇÃO

A Covid-19, doença respiratória identificada pela primeira vez em Wuhan, na China, se caracterizou como pandemia a partir de março de 2020, configurando-se como um problema de saúde pública pela rápida transmissão, sobrecarregando os serviços de saúde globais (OMS, 2020).

Com isso, o momento pandêmico desencadeou diversas consequências que ficarão marcadas durante muito tempo na sociedade, acentuando e aumentando as desigualdades e problemas multidimensionais, especialmente na perspectiva geracional. Os jovens sentiram as influências da pandemia nas relações sociais, familiares e afetivas, sofrendo restrições em suas formas de sociabilidade, nas subjetividades, no ambiente educacional que se alterou pelo ensino remoto e também em questões ligadas ao trabalho e emprego, pois o mercado para essa geração é impactado com a precarização, tendo poucas perspectivas em relação à estabilidade profissional.

Este capítulo teve como objetivo apresentar os desafios enfrentados pela juventude frente aos efeitos provocados pela da pandemia de Covid-19 no que tange à sociedade, educação e trabalho.

Este estudo foi uma revisão bibliográfica, elaborado com base em material publicado em livros e artigos científicos, com viés baseado na literatura pertinente a temas que tangenciam as questões apresentadas (MARCONI; LAKATOS, 2003; GIL, 2008; MALHEIROS, 2011;). As buscas dos materiais publicados foram realizadas a partir dos descritores “juventude + pandemia de COVID-19” com foco nos processos que envolviam a sociabilidade, educação e trabalho deste grupo. O campo de buscas se deu a partir da pesquisa por palavras-chaves que pudessem abrir um panorama das investigações e estudos sobre este tema no período compreendido entre 2020-2021, momento mais crítico da pandemia e do distanciamento e isolamento social.

JUVENTUDE E SOCIEDADE EM UM CONTEXTO DE MUDANÇAS

A vida em sociedade tem se transformado principalmente nos aspectos ligados à comunicação. É inegável o crescente uso e avanço das tecnologias digitais no mundo

contemporâneo, que modificou dinâmicas comunicacionais e interativas em diversos campos sociais, como educação, trabalho e também nas relações afetivas e familiares. Bauman (2001) destaca que é a era do software, realizada sem corpo, sem a necessidade da mão-de-obra humana propriamente dita, que enfraquece e decompõe os “laços humanos” (p. 187).

Dessa forma, os sujeitos se alteraram, se redesenharam e se inseriram em espaços ligados por redes, redes estas que interconectam esferas e espaços dos quais fazem parte, permeando o contato com amigos, escola/faculdade, trabalho, família e demais laços construídos no convívio diário. Construindo formas que permitem trocas e criação de laços sociais, entretanto, a comunicação e interação mediada por computador, traz necessidade de adaptações para alguns, mas para outros, esse ambiente digital se tornou naturalizado e permeado pelas tecnologias.

Nesse contexto, os jovens, pela característica no ambiente virtualizado no qual começaram a construção de suas vivências, possuem grande familiaridade com as tecnologias digitais principalmente, pela utilização dos dispositivos de acesso à internet. Apesar do domínio tecnológico que permeia o cotidiano juvenil, é importante destacar que essa fase da vida traz transformações físicas e comportamentais muito significativas. A transição entre a infância e a idade adulta, com acentuado crescimento e desenvolvimento de transformações anatômicas, fisiológicas, psicológicas e sociais se tornam marcantes, sendo um momento de busca por espaço, identidade e das primeiras relações afetivas (BRÊTAS *et al.*, 2011).

A adolescência então configura-se como uma etapa em que os sujeitos começam a atingir a maturidade, buscando sua inserção na sociedade, agregando e incorporando direitos, valores e atitudes que formarão suas identidades. Por isso, é um estágio traduzido por um momento de busca por novas experiências que se refletirá em histórias. Contudo, no atual contexto pandêmico, para muitos jovens, houve uma paralização não só do tempo como da sua própria vida (Natarelli *et al.*, 2015).

Para Cesar (2019) a juventude combina a busca pelas próprias vivências, o alcance dos seus objetivos e o compartilhamento com seus iguais. Em relação ao momento de pandemia de Covid-19, Valasques e Santos (2020) salientam que esse é um período delicado pelo fato de que os jovens se encontram inseridos em uma situação com tantas restrições e regras. Nesse sentido, a “presença e os afetos que a mesma representa assume

extrema importância para esses sujeitos” (Nascimento *et al.* 2020, 8), pois estão afastados do grupo com o qual compartilham vivências, objetivos e até mesmo dúvidas e medos.

Segundo Ribeiro *et al.* (2020) a busca pelo bem-estar faz parte da vida dos sujeitos e a juventude busca por isso na companhia do grupo ao qual faz parte, sendo que nesse momento de isolamento, a afeição pelo contato presencial é extremamente importante.

A saúde dos jovens foi afetada com o isolamento social, aumentando os níveis de estresse, ansiedade, além dos problemas como a insônia (Nascimento *et al.*, 2020). Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2020a) mais da metade dos jovens que participaram de uma pesquisa relacionada ao bem-estar relata que se tornaram vulneráveis à ansiedade, depressão ou estresse desde o início da pandemia.

A pandemia impôs regras e restrições, principalmente em se tratando do contato com entre pessoas, tais restrições acabaram provocando problemas psicológicos, trazendo adoecimentos, sentimentos de exaustão, medo, preocupação e desgastes nos jovens (Oliveira, 2020). Além das mortes causadas pelo vírus, a “incerteza do futuro, o medo e os problemas psicológicos foram acentuados e/ou vieram à tona durante o isolamento social” (Nascimento *et al.*, 2020, p. 13).

Lemos (2013, p. 91) destaca que mesmo a juventude sendo “habituada à multimídia, à realidade virtual e às redes telemáticas”, e ser uma geração simultânea que nasceu em um espaço-tempo em profundas transformações, quando tudo acontece muito rápido, nesse momento de pandemia, foi necessário que parassem estudos, trabalho e até mesmo relacionamentos. O afastamento ocasionado pela pandemia, além de provocar fragilidades na saúde mental, em decorrência do afastamento de pessoas importantes, interferiu até na qualidade do sono desses sujeitos (Coelho *et al.*, p. 2020).

A Organization for Economic Co-operation and Development (OECD, 2020b) analisa que a crise estabelecida pela Covid-19 traz grandes riscos nas áreas de educação, emprego, saúde mental e renda, para a faixa etária juvenil, pois trata-se de um grupo vulnerável socialmente, que sofre com os impactos que o vírus causou em diversos aspectos da sociedade como um todo.

As transformações que ocorreram no cotidiano juvenil podem ser geradoras de descobertas e novas experiências, para Rogers (2017) os sujeitos podem recomeçar e construir novos planos, viabilizando aprendizados obtidos pela própria experiência, além de adquirirem mais consciência de si, resignificando e atribuindo novos sentidos a essas vivências, garantindo, assim, o estabelecimento de sua saúde mental.

Segundo Machado e Carvalho (2018), a internet tem se revelado uma aliada na construção e manutenção de afetos, apesar das lacunas nas emoções e sentimentos ligadas a distância necessária pela pandemia. Sendo esse um fator que pode gerar intercorrências, desgastando relacionamentos, mas também, de certa forma, ser um catalizador para novos caminhos da vida real. Dessa forma, Nascimento *et al.* (2020, p. 12) destacam no que tange aos relacionamentos vividos pelos jovens durante a pandemia que:

[...] mesmo distante de seus companheiros/as a relação permanece a mesma e que apenas a saudade tem sido grande devido ao isolamento, e que tem se apoiado neste momento através de ligações por chamadas de vídeos ou mensagens, mas houve também quem dissesse que o isolamento está servindo para avaliar o próprio relacionamento, fazendo questionamentos a si mesmo do que vai mudar em sua relação quando o isolamento acabar.

No período pandêmico, apesar do fato das tecnologias digitais estarem já arraigadas no cotidiano, o uso dos meios virtuais para a comunicação, atividades de trabalho, estudo e também de lazer ficou ainda mais intrínseco nas relações sociais, sobretudo para os jovens que nasceram em um ambiente permeado pelas telas digitais. A sociedade alterou e adaptou suas dinâmicas conforme a evolução tecnológica digital, sendo na figura dos jovens os sujeitos que mais acompanham e convivem com as constantes mudanças que ocorrem socialmente, formando suas identidades, grupos e vivências por meio dela.

Iser *et al.* (2020) salientam que a descoberta do vírus mobilizou o mundo, tanto na testagem como na busca por formas de controle. Foi pesquisado tudo que envolveu a série de sintomatologias e consequências à vida humana que a doença tem causado posteriormente à infecção. As atividades suspensas, pelo movimento que solicitava que as pessoas ficassem em casa afetaram a educação e a economia, entre outros aspectos importantes no contexto social, conforme destacam Nascimento *et al.* (2020, p. 4).

O movimento “fica em casa” determinou que as atividades rotineiras se tornassem remotas, que a população saísse de casa apenas para trabalhos essenciais, fechando universidades e comércios por tempo indeterminado, afetando, conseqüentemente, na economia, sobretudo, na vida daqueles

que dependiam do ir e vir para manter suas condições básicas de sobrevivência.

Dessa forma, a nova realidade social “torna ainda mais oportuna a reflexão e o diálogo com as novas gerações” (Teixeira; Fernandes, 2020, p. 2), sendo importante “apoiar as juventudes em sua (re)inserção no mundo das universidades, do trabalho, da cultura, da política, bem como encorajá-los na defesa dos direitos humanos e da ecologia” (Teixeira; Fernandes, 2020, p. 4).

Na educação superior, por exemplo, cerca de metade dos jovens estudantes pode atrasar a conclusão de seus estudos atuais e ainda 10% esperam não poder concluir essa fase da formação educacional. Interromper o acesso à educação e às oportunidades de emprego e renda, que a crise econômica pode acarretar, será um problema com a capacidade de gerar dificuldades para os jovens, tanto na busca como na manutenção de emprego e renda de qualidade no futuro (OIT, 2020a; OECD, 2020b).

Assim, os jovens foram extremamente afetados pela pandemia de Covid-19, principalmente em relação ao trabalho e a educação, apesar de toda a habilidade tecnológica e a rápida transformação do mundo. Diante desse cenário social e pandêmico, as ferramentas inovadoras de ensino e aprendizagem que professores e estudantes tiveram que adotar frente à nova realidade terão impactos duradouros nos sistemas de educação (OECD, 2020b).

JUVENTUDE E EDUCAÇÃO: AS TRANSIÇÕES DA PANDEMIA DE COVID-19

Foi observada na pandemia pela Covid-19, do ano de 2020, a necessidade da escola em adaptar suas práticas para que o ensino e a aprendizagem continuassem sem prejudicar seus estudantes. Então, o Conselho Nacional de Educação (CNE), no parecer de 28 de abril de 2020, permitiu que atividades não presenciais fossem ofertadas desde a educação infantil até o ensino superior. Para isso utilizou-se diversos meios, sendo eles digitais ou não, incluindo videoaulas, materiais didáticos impressos para alunos, pais ou responsáveis, orientação de leituras, exercícios ou utilização de plataformas virtuais de ensino e aprendizagem e, até mesmo, pelas redes sociais.

Nesse cenário, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura salienta que pais e/ou responsáveis lutam para enfrentar os desafios da aprendizagem em casa, e os docentes necessitaram se adaptar rapidamente a métodos de ensino inovadores e de eficácia ainda não comprovada cientificamente (UNESCO, 2020).

Para Britto (2009) torna-se incongruente pensar como uma dimensão de conexão e interconexão tão livre e fluída, como a internet, se tornou tão importante e concreta em tão pouco tempo, pois são essas relações que estão abarcando as relações sociais, econômicas e educacionais desde o começo da pandemia de Covid-19.

Dessa forma, a sociedade contemporânea absorve cada vez mais a utilização das tecnologias digitais, dependendo também dos artefatos tecnológicos que utiliza, pois nos computadores pessoais estão arquivos que antes eram impressos, nos dispositivos de telefones móveis o uso de aplicativos de localização, comunicação, registros fotográficos, vídeos e músicas, fazem desses aparelhos a continuação de nossos corpos e se perdidos, causam transtornos e perda de tempo. Cada vez mais os aplicativos de vários serviços também são utilizados, além de contas pessoais como correio eletrônico e funções bancárias, processos que parecem se alterar constantemente.

Por celular, têm acesso a todas as pessoas; por GPS, a todos os lugares; pela internet, a todo o saber: circulam, então, por um espaço topológico de aproximações, enquanto nós vivíamos em um espaço métrico, referido por distâncias. Não habitam mais o mesmo espaço (Serres, 2013, p. 19).

Essas circunstâncias transformam as formas de interação dos jovens, inclusive as formas de aprendizagem. Nessas considerações, destaca-se que os jovens estudantes assentam em uma máquina, um objeto mecânico, sua vida, inteligência, memória, dados, pesquisas, etc. Carregam a si mesmos nas próprias mãos através dos dispositivos móveis, pois tem suas agendas telefônicas, fotos, senhas, e todos os arquivos possíveis nas contas das nuvens, que possibilitam guardar armazenar e acessar a vida acadêmica.

No espaço que está na palma das mãos, Nascimento *et al.* (2020, p. 11-12) salientam que a pandemia fez com que as instituições de ensino se reinventassem, produzindo novas estratégias metodológicas de aprendizagem. Nessas circunstâncias surgiram as “atividades remotas com uso de aplicativos e redes de transmissão, onde os alunos possuem o conhecimento na palma da mão por meio de celulares e computadores”.

Contudo, apesar de toda a desenvoltura que a juventude possui com as tecnologias digitais e a comunicação mediada pela internet, para Silva (2021) é preciso pensar nesses sujeitos em tempos de pandemia sob o olhar da compreensão, principalmente na relação juventude e educação, tanto no que se refere à falta de educação de qualidade para todos como na carência de trabalho. A educação para os jovens que receberam o ensino de forma remota exigiu adaptações, abarcadas em parâmetros que usaram a palavra postar, compartilhar, enviar, etc., em espaços que não eram a sala de aula presencial, mas sim outros meios e espaços que nos inserimos e ampliamos, como o social, educacional ou profissional.

De todos os problemas que os jovens precisaram enfrentar desde o início da pandemia de Covid-19, o acesso à educação foi um dos mais difíceis, apesar da agilidade em operar os dispositivos móveis, muitos não “possuem um celular, internet e outros meios tecnológicos para acompanhar as aulas no sistema remoto ou mesmo as gravações (vídeoaulas)” (SILVA, 2021, p.1).

A adoção pelos sistemas educacionais das atividades a distância desencadeou uma “maior visibilidade às desigualdades de acesso à educação dos jovens brasileiros: há escassez de acesso aos meios digitais; faltam condições adequadas em casa para os estudos; adoecem os familiares; agravam-se as condições econômicas de sobrevivência, em decorrência da perda do trabalho de seus mantenedores ou o dos próprios alunos” (ZAN; KRAWCZYK, 2020, p. 1). Ou seja, a transformação nos processos de educação explicitou a desigualdade do acesso à educação de muitos estudantes, tanto pela falta de acesso como pela falta de condições adequadas o estudo por meio remoto.

O trabalho remoto de algumas escolas e universidades com o objetivo de garantir a continuidade educacional durante o isolamento social, acentuou as desigualdades existentes na sociedade, pois nem todos os estudantes têm acesso à internet, e embora grande parte dos países tenha apostado em práticas alternativas de aprendizagem remota, apenas cerca de metade dos alunos conseguiram acessar todo ou parte do currículo preestabelecido (OECD, 2020b).

O processo foi de readaptação para alunos em suas rotinas estudantis, necessitando tempo e espaços tranquilos para a devida atenção em relação às informações. Entretanto, para muitos estudantes houve impedimentos que dificultaram o aprendizado remoto, impondo barreiras, sobretudo para aqueles que não possuem acesso ilimitado a internet (Martins; Almeida, 2020).

A qualidade do ambiente de aprendizagem domiciliar se torna relevante, principalmente, pelo fato de que muitos estudantes de famílias menos favorecidas social e economicamente não têm acesso a recursos de aprendizagem digital, além de apoio familiar para esta aprendizagem domiciliar. Muitos estudantes não têm em casa um espaço tranquilo para estudar e nem uma conexão com a internet. Um a cada cinco estudantes não tem acesso a computadores ou dispositivos eletrônicos para realizar os trabalhos escolares. Com isso, aponta-se um quadro de desengajamento educacional e evasão escolar, trazendo impossibilidades à realização do ensino superior (OECD, 2020b).

De forma geral, o contexto demonstrou um quadro de desigualdade social, levando inúmeros jovens a se afastarem das escolas e das universidades, que se somou às dificuldades econômicas pelo aumento do desemprego que afetou suas famílias em tempos de Covid-19 (Silva, 2021). Além disso, a perda da aprendizagem nesse período trará efeitos às sociedades em geral na forma de diminuição da produtividade e do crescimento. Segundo estimativas, um ano letivo perdido equivale a uma perda entre 7% e 10% da renda vitalícia (OECD, 2020b). Assim, a pandemia trouxe um novo meio de educar aos jovens estudantes, que irá deixar memórias positivas e negativas, pois:

Para o bem porque, em muitos casos, permite encontros afetuosos e boas dinâmicas curriculares emergem em alguns espaços, rotinas de estudo e encontros com a turma são garantidos no contexto da pandemia. Para o mal porque repetem modelos massivos e subutilizam os potenciais da cibercultura na educação, causando tédio, desânimo e muita exaustão física e mental de professores e alunos. Adoecimentos físicos e mentais já são relatados em rede. Além de causar traumas e reatividade a qualquer educação mediada por tecnologias. (Santos, 2020, p. 3).

O estudo de Nascimento *et al.* (2020, p. 10) salienta que o momento de pandemia tem sido mais difícil para alguns jovens, já que muitos não têm a oportunidade de qualificação por não ter “acesso à internet e outros mecanismos favoráveis de educação e estão temporariamente sem ir à escola ou faculdade, colocando-os em situações desfavoráveis”.

No caso da educação universitária, para muitos jovens as aulas online “se tornaram mais exaustivas e que o rendimento em casa não era o mesmo”, para outros tem sido um momento que têm “mais tempo estando em casa para realizar com mais calma as

atividades da faculdade, já que antes da quarentena se perdia muito tempo com deslocamento”, além de ser um momento para a realização de cursos que antes não eram possíveis em razão do tempo (Nascimento *et al.*, 2020, p. 11).

Desta forma, a pandemia de Covid-19 proporcionou a construção de uma rede de aprendizados, possibilitando também maior interação no grupo familiar, que antes era afetada pela rotina corrida e o distanciamento pela vida de estudos. (Nascimento *et al.*, 2020). Entretanto, apesar dos problemas e adaptações necessárias com o ensino remoto, o uso das Tecnologias Digitais de Comunicação e Informação parece estar arraigado em todos os setores sociais que necessitaram desde o começo de 2020 adaptar-se a estas circunstâncias. Atualmente se faz crucial relativizar alguns desses aspectos que surgem na sociedade contemporânea sendo inexorável pela emergência destravada da cibercultura.

JUVENTUDE E TRABALHO: OS IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19

A pandemia trouxe diversas consequências para todos os níveis sociais, pois, muitas pessoas sofreram os impactos negativos que serão irreversíveis, além do fato de que o nível de empobrecimento da população aumentou de forma abrupta. (Lemos; Almeida Filho; Firmo, 2020).

Segundo a OIT (2020a), estima-se que economicamente a crise afetou especialmente a população jovem, que está particularmente mais exposta aos impactos socioeconômicos da pandemia. Em seus relatórios atuais, a OIT estima que desde o início da pandemia, mais de um em cada seis jovens estão sem ou deixaram de trabalhar, os que se mantiveram trabalhando sofreram uma redução de 23% nas horas de trabalho, revelando assim, o impacto negativo sobre estes sujeitos no âmbito mundial. Outro dado observado, é que o desemprego juvenil tem afetado, desde fevereiro de 2020, mais as mulheres jovens do que os homens jovens. Sendo assim, destaca-se que a juventude tem sido extremamente afetada pelos impactos negativos da pandemia de Covid-19, configurando-se em vítimas das consequências sociais e econômicas podendo deixar marcas ao longo da vida profissional.

Nesse sentido, os impactos da pandemia causaram grandes choques na população jovem, gerando consequências para o seu emprego, educação e profissionalização,

colocando obstáculos para aqueles que tentam a entrada no mercado de trabalho ou mudança de emprego. Ao entrar no mercado de trabalho em recessão é possível que haja perdas significativas e persistentes de ganhos para a população jovem, que podem permanecer por toda a sua carreira profissional. Portanto, ignorar os problemas relacionados aos jovens, acarreta em desperdício de talento, educação e treinamento, indicando que as consequências da pandemia podem durar décadas (OIT, 2020b; OECD, 2020b).

Assim, o momento é de direcionamento pela adoção de respostas políticas urgentes, que tenham como intuito apoiar a população jovem através de programas que garantam emprego/formação nas economias de baixa e média rendas. O empenho para que os governos criem medidas imediatas para a juventude se deve pela relação com o grande sofrimento psíquico que o isolamento pode gerar, pelo crescimento dos níveis de desemprego, consequências econômicas e preocupação com o bem-estar da juventude e das gerações futuras (OECD, 2020b; OIT, 2020b).

Existe ainda o fato de que a população mais jovem trabalha em setores e indústrias especialmente afetados pela pandemia de Covid-19, nesse caso, particularmente há mulheres jovens que serão mais afetadas por representarem mais da metade das pessoas com menos de 25 anos empregadas nesses setores; por fim, ao comparar com outros grupos etários, os jovens são os mais ameaçados pela automação, sendo que o tipo de trabalho que executam pode ser total ou parcialmente automatizado (OIT, 2020c).

Os trabalhos com menor remuneração e os temporários, mais afetados pela crise, são habitualmente ocupados por jovens, que enfrentam um risco maior de perda de emprego e renda, pois jovens entre 15 e 24 anos são os mais afetados pelo aumento do desemprego no período que compreende entre fevereiro e março de 2020, e, assim, os incidindo à pobreza e vulnerabilidade (OECD, 2020b).

A *Organization for Economic Co-operation and Development* (OECD, 2020a) destaca que a recuperação dos impactos causados pela pandemia necessitará de um longo período para se restabelecer, já que deixará uma crise duradoura, como a diminuição de padrões de vida e altas taxas de desemprego. Sendo também possível observar que a perda de empregos prejudicará em especial os trabalhadores com pouca qualificação, entre eles os jovens e os informais, bem como os trabalhadores mais pobres e vulneráveis.

Por esses motivos, as organizações juvenis expressaram muita preocupação com o impacto da Covid-19 no que diz respeito ao bem-estar mental, nas relações de trabalho,

perda de renda, interrupções na educação, relações familiares e amizades, assim como também na limitação às liberdades individuais (OECD, 2020b). Segundo a Unesco (2020), a população jovem luta contra a insegurança do isolamento e da incerteza quanto ao seu futuro profissional, acompanhados do estresse e da ansiedade desencadeados pela pandemia, agravados cada vez mais pelo contexto social e econômico vivenciado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto foi possível perceber que as consequências da pandemia irão permanecer a acompanhar a população jovem por muito tempo, principalmente se políticas governamentais de auxílio e minimização desses impactos não forem implantadas. Socialmente, os jovens foram afetados em suas relações interpessoais. Na educação, apesar de toda a familiaridade que estes sujeitos possuem com o meio digital, muitos foram afetados pela falta de condições igualitárias de acesso à internet e meios de acesso em seus domicílios. No que diz respeito ao trabalho e emprego, a crise econômica e financeira mundial impôs desafios para a faixa etária juvenil. Além de enfrentar empregos temporários ou com horários reduzidos, os jovens são os primeiros a perder o emprego ou ter suas funções impactadas por mudanças que buscam diminuição de custos para as empresas ou indústrias em que trabalham, problema que afeta principalmente o sexo feminino.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. 1. ed. Rio de Janeiro, 2001.

BRASIL. *Conselho Nacional de Educação*. Parecer CNE/CP Nº: 5/2020, de 28 de abril de 2020. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Brasília: Diário Oficial da União, 2020. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 20 ago. 2021.

BRÊTAS, José Roberto da Silva *et al.* Aspectos da sexualidade na adolescência. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 16, p. 3221-3228, 2011.

BRITTO, Rovilson Robbi. *Cibercultura: sob o olhar dos estudos culturais*. São Paulo: Paulinas, 2009.

CESAR, Fátima Flório. Morte e vida na adolescência: da dor e da delícia de ser jovem. *DESIDADES: Revista Electrónica de Divulgación Científica de la Infancia y la Juventud*, n. 22, p. 11-22, 2019.

COELHO, Ana Paula Santos *et al.* Saúde mental e qualidade do sono entre estudantes universitários em tempos de pandemia da COVID-19: experiência de um programa de assistência estudantil. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 9, p. e943998074-e943998074, 2020.

GIL, Antonio C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. Editora Atlas, 2008.

ISER, Betine Pinto Moehleck *et al.* Definição de caso suspeito da COVID-19: uma revisão narrativa dos sinais e sintomas mais frequentes entre os casos confirmados. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 29, 2020.

LEMOS, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. 6. Ed. Porto Alegre: Sulina, 2013.

LEMOS, Pedro; ALMEIDA-FILHO, Naomar; FIRMO, Josélia. *COVID-19, desastre do sistema de saúde no presente e tragédia da economia em um futuro bem próximo*. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2020v2n4p39-50>. Acesso em: 16 nov. 2021.

MALHEIROS, Bruno Taranto. *Metodologia da pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: LTC, v. 39, 2011.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

MARTINS, Vivian; ALMEIDA, Joelma. Educação em Tempos de Pandemia no Brasil: Saberes-fazer escolares em exposição nas redes. *Revista Docência e Cibercultura*, v. 4, n. 2, p. 215-224, 2020.

NASCIMENTO, Elaine Ferreira do *et al.* Juventude universitária e o isolamento social na pandemia COVID-19: Emprego, Sociabilidade e Família. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 12, p. e17191210995-e17191210995, 2020.

NATARELLI, Taison Regis Penariol *et al.* O impacto da homofobia na saúde do adolescente. *Escola Anna Nery*, v. 19, p. 664-670, 2015.

OECD. *OECD Economic Outlook*. Issue 1: Preliminary version, n.107, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1787/0d1d1e2e-en>. Acesso em: 16 set. 2021.

OECD. *Publishing*: Paris, 2020a. Disponível em: <https://doi.org/10.1787/0d1d1e2e-en>. Acesso em: 16 set. 2021.

OECD. *Youth and COVID-19*. Response, recovery and resilience. 15 June. 2020b. Disponível em: https://read.oecd-ilibrary.org/view/?ref=134_134356-ud5kox3g26&title=Youth-and-COVID-19-Response-Recovery-and-Resilience&_ga=2.81984853.2131139532.1632332929-900710709.1632332929. Acesso em: 08 out. 2021.

OIT. *ILO Monitor: COVID-19 and the world of work*. Fourth edition. Updated estimates and analysis. 27 May. 2020a. Disponível em: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/documents/briefingnote/wcms_745963.pdf. Acesso em: 09 dez. 2021.

OIT. *ILO Monitor: mais de um em cada seis jovens estão sem trabalho devido à COVID-19*. OIT Lisboa. 27 mai. 2020b. Disponível em: https://www.ilo.org/lisbon/sala-de-imprensa/WCMS_746020/lang--pt/index.htm. Acesso em: 06 out. 2021.

OIT. *Trabalhadores jovens serão duramente atingidos pelas consequências econômicas da COVID-19*. OIT Brasília. 16 abr. 2020c. Disponível em: https://www.ilo.org/brasilia/noticias/WCMS_741875/lang--pt/index.htm. Acesso em: 06 nov. 2021.

OLIVEIRA, Luzia Carmen de. Saúde mental nos tempos de pandemia: Uma releitura dos afetos e da Pulsão de morte em Freud. *Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental*, v. 9, n. 1, p. 18-34, 2020.

OMS. Organização Mundial da Saúde. *Histórico da pandemia de COVID-19*. OPAS - Organização Pan-Americana de Saúde. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 06 dez. 2021.

RIBEIRO, Eliane Gusmão *et al.* Saúde mental na perspectiva do enfrentamento à COVID-19: manejo das consequências relacionadas ao isolamento social. *Revista Enfermagem e Saúde Coletiva*, v. 5, n. 1, p. 47-57, 2020.

ROGERS, Carl R. *Tornar-se pessoa*. WWF Martins Fontes, 2017.

SANTOS, Edméa. EAD, palavra proibida. Educação online, pouca gente sabe o que é. Ensino remoto, o que temos. Notícias, *Revista Docência e Cibercultura*, online, 2020.

SERRES, Michel. *Polegarzinha: uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SILVA, Rosemary Francisca Neves. Educação e juventude em tempo de pandemia. *Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas*, v. 30, n. 2, p. 175-177, 2021.

TEIXEIRA, Patrícia Espíndola de Lima; FERNANDES, Rafael Martins. Juventude e contemporaneidade: experiência humana, comunitária e pastoral. *Teocomunicação*, v. 50, n. 1, 2020.

UNESCO. Cultivar o bem-estar social e emocional de crianças e jovens durante as crises. UNESCO - COVID-19. **Resposta educacional: Nota Informativa - Setor de Educação**. Nota Informativa n° 1.2, 2020.

VALASQUES, Daiane; SANTOS, Hugo. Impactos do COVID-19: as visões e experiências de crianças e jovens portugueses em situação de acolhimento residencial. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, v. 6, p. 58-80, 2020.

ZAN, Dirce; KRAWCZYK, Nora. **Educação e Juventude sob Fortes Ameaças** [online]. 2020. Disponível em: <https://www.anped.org.br/news/educacao-e-juventude-sob-fortes-ameacas-colaboracao-de-texto-por-dirce-zan-unicamp-gt-03-nora>. Acesso em: 06 dez. 2021.